



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

## **Avaliação pós-ocupação da Praça e Memorial Maria Aragão**

**Daniel Lavra Vieira**

**São Luís - MA**

**2015**

**DANIEL LAVRA VIEIRA**

**Avaliação pós-ocupação da Praça e Memorial Maria Aragão**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC  
apresentado ao Curso de Arquitetura e  
Urbanismo da Universidade Estadual do  
Maranhão, como parte dos requisitos para  
obtenção do título de Bacharel em  
Arquitetura e Urbanismo.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dra. Barbara Irene Wasinski Prado

**São Luís - MA**

**2015**

Ficha Catalográfica

Vieira, Daniel Lavra

Avaliação pós-ocupação da Praça e Memorial Maria Aragão / Daniel Lavra Vieira– São Luís, 2015.

46 f

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura. Universidade Estadual do Maranhão, 2015.

Orientadora: Profª Drª Barbara Irene Wasinski

1. Praça. 2. Maria Aragão. 3. Pós- ocupação.I.Título

CDU: 712.25:72.02(812.1)

**DANIEL LAVRA VIEIRA**

**Avaliação pós-ocupação da Praça e Memorial Maria Aragão**

Monografia aprovada em:

**Banca examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Barbara Irene Wasinski Prado

Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Margareth Figueiredo Andrade

Examinadora

---

Arquiteto Antônio Araújo Costa

Examinador

**São Luís - MA**

**2015**

*“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”*

*(Arthur Schopenhauer)*

*A minha mãe, Aldenora Lavra Vieira*  
*Ao meu pai, Sebastião Aguiar Vieira*  
*Ao meu irmão, Cássio Lavra Vieira (In memorian).*

***Dedico***

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido força de vontade e saúde para continuar a minha caminhada com perseverança.

Aos meus pais Aldenora Lavra Vieira e Sebastião Aguiar Vieira por todo incentivo, carinho, amor e, sobretudo pela compreensão nas horas mais difíceis e a toda minha família materna que foram à base da minha vida e o caminho para essa conquista.

Aos meus irmãos Valéria, Moisés, Cássio (*In memoriam*), Daniele e Pedro Paulo Lavra Vieira por fazerem parte de minha vida. Muito obrigada por todos os momentos compartilhados juntos!

A professora Barbara Irene Wasinski Prado, e orientadora, que me auxiliou a definir dentro do extenso assunto proposto (Praça e Memorial Maria Aragão) o tema central e específico desse trabalho.

Aos meus amigos de classe, muitos agora já formados e futuros amigos de estrada e profissão, em especial a Adriane de Jesus da Silva Filgueiras, que sempre esteve ao meu lado incentivando-me a nunca desistir e sempre com uma palavra de conforto.

Enfim, a todos que de uma alguma maneira contribuíram com a realização deste trabalho seja direta ou indiretamente, com palavras de consolo e estímulo ou ainda trabalhando lado a lado para construção deste sonho que se realiza, a minha eterna e sincera gratidão.

## SUMÁRIO

	<b>LISTAS DE FIGURAS.....</b>	<b>8</b>
	<b>RESUMO.....</b>	<b>9</b>
	<b>ABSTRACT.....</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>A PRAÇA .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>Histórico do nome Praça Maria Aragão.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2</b>	<b>O projeto da Praça e Memorial Maria Aragão.....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>A AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO (APO).....</b>	<b>21</b>
<b>3.1</b>	<b>Estudos da Praça e Memorial Maria Aragão conforme prerrogativas da APO.....</b>	<b>24</b>
<b>3.2</b>	<b>Metodologia.....</b>	<b>28</b>
<b>3.3</b>	<b>Metodologia Aplicada a APO.....</b>	<b>29</b>
3.3.1	Pesquisa Bibliográfica.....	29
3.3.2	Pesquisa de Campo.....	30
3.3.2.1	<i>Órgão Documental.....</i>	30
3.3.2.2	<i>Pesquisa de Opinião/ Entrevistas.....</i>	30
3.3.2.3	<i>Visita in loco.....</i>	31
<b>4</b>	<b>Resultados das Entrevistas.....</b>	<b>31</b>
<b>5</b>	<b>O que pode ser melhorado com APO?.....</b>	<b>36</b>
<b>6</b>	<b>Mapa Comportamental.....</b>	<b>38</b>
<b>7</b>	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>41</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>

## LISTAS DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b>	Pátio de manobra de trens da Estação da REFESA – Hoje Praça Memorial Maria Aragão.....	<b>16</b>
<b>FIGURA 2</b>	Desenho inicial da Praça Maria Aragão, feito por Oscar Niemeyer.....	<b>18</b>
<b>FIGURA 3</b>	Projeto da Praça Maria Aragão onde constava o Museu de Arte Moderna.....	<b>19</b>
<b>FIGURA 4</b>	Sala museu com acervo da homenageada Maria Aragão.....	<b>19</b>
<b>FIGURA 5</b>	Sala museu.....	<b>20</b>
<b>FIGURA 6</b>	Auditório do Memorial.....	<b>20</b>
<b>FIGURA 7</b>	Marco inicial da Praça Maria Aragão sem o busto.....	<b>20</b>
<b>FIGURA 8</b>	Busto que encontra-se na sala/museu.....	<b>20</b>
<b>FIGURA 9</b>	Praça e Memorial Maria Aragão.....	<b>21</b>
<b>FIGURA 10</b>	Jovens skatistas. A) Praça Gonçalves Dias e B) Escadaria de acesso a Praça Gonçalves Dias.....	<b>29</b>
<b>FIGURA 11</b>	Entrevistados que consideram a iluminação de boa qualidade.....	<b>32</b>
<b>FIGURA 12</b>	Entrevistados que consideram o mobiliário urbano como satisfatório.....	<b>32</b>
<b>FIGURA 13</b>	Porcentagem de entrevistados que consideram se os elementos vegetativos atendem bem aos usuários.....	<b>33</b>
<b>FIGURA 14</b>	Número de entrevistados que considera a praça um local seguro.....	<b>33</b>
<b>FIGURA 15</b>	Número de entrevistados que considera a praça um local acessível.....	<b>34</b>
<b>FIGURA 16</b>	Número de entrevistados que frequentam a praça.....	<b>34</b>
<b>FIGURA 17</b>	Número de entrevistados que consideram a praça com adequada limpeza...	<b>35</b>
<b>FIGURA 18</b>	Número de entrevistados que acreditam ser satisfatório os que os órgãos competentes responsáveis pela manutenção e estado de conservação da Praça Maria Aragão fazem.....	<b>35</b>
<b>FIGURA 19</b>	Praça e Memorial Maria Aragão durante o período noturno.....	<b>36</b>
<b>FIGURA 20</b>	Mobiliário urbano inexistente na Praça e Memorial Maria Aragão.....	<b>36</b>
<b>FIGURA 21</b>	Elementos vegetativos presentes na Praça e Memorial Maria Aragão.....	<b>37</b>
<b>FIGURA 22</b>	Presença de rampa para facilitar a acessibilidade. A) e B) Lateral direita, C) Lateral esquerda.....	<b>37</b>
<b>FIGURA 23</b>	Mapa comportamental dos frequentadores da Praça e Memorial Maria Aragão no horário entre 16:00hs e 16:30hs.....	<b>38</b>
<b>FIGURA 24</b>	Mapa comportamental dos frequentadores da Praça e Memorial Maria Aragão no horário entre 17:30hs e 18:30hs.....	<b>39</b>
<b>FIGURA 25</b>	Melhorias apontadas pelos usuários para melhorar a frequência da Praça e Memorial Maria Aragão.....	<b>40</b>
<b>FIGURA 26</b>	Melhorias apontadas pelos usuários para melhorar a frequência da Praça e Memorial Maria Aragão.....	<b>42</b>

VIEIRA, D. L. **Avaliação pós-ocupação da Praça e Memorial Maria Aragão**. São Luís, MA: CCT/UEMA, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo).

## RESUMO

A construção da Praça e do Memorial Maria Aragão foi uma homenagem à médica comunista Dra. Maria Aragão, que entrou para a história da política maranhense com seu exemplo de dignidade e coragem na luta pela democratização do país. O arquiteto Oscar Niemeyer era amigo pessoal de Maria Aragão e realizou o projeto que é dotado de estruturas com grandes balanços e curvas monumentais, desenvolvidas com lajes duplas nervuradas, nas quais foram utilizados materiais de alta tecnologia. A pesquisa tem como objetivo a avaliação pós-ocupação da Praça e Memorial Maria Aragão. Para o desenvolvimento deste trabalho foi feita uma análise atual do espaço da Praça e Memorial Maria Aragão e este confrontado através de questionários onde foram analisados os seguintes aspectos: conforto visual, higiene, adaptação dos espaços aos usos e conforto psicológico. As características físicas, ambientais, equipamentos e mobiliário são distintos em suas qualidades e quantidades, levando em consideração aspectos relacionados ao conforto físico e psicológico dos usuários e dos moradores do entorno. Os resultados foram obtidos através da inter-relação entre a percepção dos usuários através de pesquisa de campo, com observação e opinião dos usuários. Que indicam aspectos composicionais de ordem física do espaço afetando intimamente o tipo e a intensidade de utilização da praça, contribuindo positiva ou negativamente para a sua valorização. Evidenciou-se assim, que a baixa utilização da Praça e Memorial Maria Aragão, se deve principalmente a aspectos referentes à qualidade física requerida pelos frequentadores e à quantidade dos mobiliários e equipamentos urbanos. Defende-se que os investimentos e o planejamento físico destes espaços públicos devem ser embasados no conhecimento das aspirações da população alvo, de modo a permitir sua maior apropriação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Praça, Pós-ocupação.

VIEIRA, D. L Post-occupation of the Square and Memorial Maria Aragon Assessment. São Luís, MA: CCT / UEMA, 2014. Work Course Conclusion - TCC (Bachelor of Architecture and Urbanism).

### **ABSTRACT**

The construction of the Square and the Memorial Maria Aragon was a tribute to the communist Medical Dr. Maria Aragon, who went down in history of Maranhão policy with his example of dignity and courage in the struggle for democratization of the country. The architect Oscar Niemeyer was a personal friend of Maria Aragon and carried out the project which is endowed with structures with large swings and monumental curves, developed with ribbed double slabs, in which high-tech materials were used. The research aims to post-occupancy evaluation Square and Memorial Maria Aragon. To develop this work was done a recent analysis of space Square and Memorial Maria Aragon and this confronted by questionnaires which the following aspects were analyzed: visual comfort, hygiene, adaptation of spaces to use and psychological comfort. Physical, environmental, equipment and furniture are distinctive in their quality and quantity, taking into account aspects related to physical and psychological comfort of users and surrounding residents. The results were obtained through the inter-relationship between the perception of users through field research, with observation and opinion of users. Indicating compositional aspects of the physical space intimately affecting the type and intensity of use of the square, contributing positively or negatively to their valuation. It was evident therefore that the low utilization Square and Memorial Maria Aragon, is mainly the aspects related to the physical quality required by patrons and the amount of securities and urban facilities. It is argued that investment and physical planning of these public spaces must be grounded in the knowledge of the aspirations of the target population, in order to allow their greater ownership.

**KEYWORDS:** Square, Post-occupation.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos as cidades têm passado por um processo de crescimento de forma espantosa em que os indivíduos precisam criar locais para o seu uso, trazendo benefícios como: aconchego, lazer, calmaria, conforto físico e psicológico (SANTANA, 2003 p. 13).

Entre esses locais que formam espaços públicos existem os bairros, as praças, as alamedas, os becos se distinguindo dentro do campo social, formando vínculos e unindo o espaço privado ao espaço público. O alvo de interesse deste trabalho é exatamente a praça, que segundo Santos (1997, p. 51) é *“o espaço formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”*.

Observam-se na organização dos espaços e planejamentos da estrutura urbana que as praças ligam diversas áreas criadas, apresentando espaços em que se vivenciava a infância e a adolescência. Como é mencionado por De Angelis (2005, p. 2), *“qualquer um de nós tem, remotas que sejam lembranças de uma praça onde na infância, o balanço, a gangorra ou o escorregador faziam parte do universo da criança”*.

Ao se organizar os espaços e planejar uma estrutura urbana nota-se que as praças são verdadeiros elos entre os diversos espaços criados. O estudo da Praça Maria Aragão, como espaço arquitetônico é de grande relevância para São Luís, no estado do Maranhão e quiça no Brasil, visto que sua última modificação foi projeto do renomado arquiteto Oscar Niemeyer, sendo de grande importância o confronto de sua singularidade projetual e sua peculiaridade física.

A praça foi inaugurada em 24 de junho de 2004. Na época, um dos principais jornais da capital descreveu o projeto como "dotado de estruturas com grandes balanços e curvas monumentais, desenvolvidas com lajes duplas nervuradas, nas quais foram utilizados materiais de alta tecnologia" (CARRAMILO, 2012). Mas será que em toda essa intervenção levou-se em consideração as aspirações da população?

Partindo da conjectura que a valorização de um espaço por seus frequentadores contribui para a conservação e manutenção voluntária dos mesmos, cabe ao projeto tentar suprir as vontades/necessidades desses frequentadores, tornando os espaços mais confortáveis, partindo do comércio imobiliário, do Poder Público e dos agentes econômicos. Nem sempre as expectativas dos usuários são “convincentes” ou possíveis de realizar, assim o processo de

intervenção termina em espaços mal dimensionados ou mal projetados muitas vezes atrapalhando a vivência cotidiana na cidade, como por exemplo, canteiros estreitos e calçadas mal dimensionadas causando disputas dos pedestres com veículos ou ainda portadores de necessidades especiais, como cadeirantes trafegando lado a lado com veículos, culminando com praças abandonadas e vazias, sem arborização ou iluminação eficientes que abrigam marginais e assustando moradores do entorno (SANTANA, 2003, p. 14).

A Avaliação Pós-Ocupacional (APO) tem sido alvo de estudo dentro da arquitetura, visto que toda obra precisa levar em consideração seu espaço, avaliando-se os elementos do ambiente construído, considerando-se a percepção dos seus usuários. A arquitetura brasileira moderna tem se preocupado com obras do patrimônio histórico em que antes esse interesse era apenas bens e conjuntos de relevância nacional (ZEIN, 2014, p. 2).

A APO dimensiona um espaço e o avalia pós-ocupação de acordo com as necessidades do usuário possibilitando diagnósticos consistentes e completos sobre os aspectos positivos e negativos encontrados nos ambientes construídos, o uso dessa metodologia torna possível um maior entendimento das técnicas aplicadas à determinada construção. Assim, para cada nova construção com base em informações relevantes indicadas por APO anterior, consegue-se por em prática em um novo projeto itens como, redução no tempo de elaboração e construção, maior satisfação do cliente, diminuição de custos, entre outros benefícios (ORNSTEIN, 2013, p. 2).

Segundo Ornstein (1992, p. 33), a APO promove uma melhoria na qualidade de vida, pois produz conhecimento sistematizado sobre o ambiente e as relações ambiente-comportamento. A necessidade da arquitetura moderna requerendo novos usos para o espaço construído exigem conforto ambiental, funcionalidade e flexibilidade, a consequência é a compatibilização com as necessidades ambientais. Qualquer intervenção para aperfeiçoar a funcionalidade ambiental será uma medida de suma importância (CUNHA, 2007, p. 2).

Diante deste contexto o objetivo da pesquisa foi avaliação pós-ocupação da Praça e Memorial Maria Aragão em São Luís-Maranhão, identificando-a como praça-monumento, funcionando com um grande espaço destinado a reconstituir a consciência espiritual e política do cidadão através do símbolo em homenagem a ativista Maria Aragão.

## 2 A PRAÇA

A praça como espaço existe há milênios, sendo usado pelas civilizações de diferentes maneiras, mas nunca deixando de exercer a sua mais importante função que é a de integração e sociabilidade. Lima et al. (1994, p. 3), assim como Macedo e Robba (2002, p. 5) consideram que as praças são espaços abertos, públicos e urbanos com o objetivo de lazer e convívio da população, tendo sua função de excelência a de aproximar e juntar pessoas, seja por motivo cultural, econômico, político ou social.

Queiroga (2001, p. 4) afirma que a praça associa o espaço a noções de identidade humana que pela sua presença potencializa interações sociais até manifestações cívicas. Espacialmente, a praça é definida pela vegetação e outros elementos construídos. De maneira ampla defini-se praça, como qualquer espaço público urbano, livre de edificações que conceda convivência e/ou recreação para os seus usuários. Os autores Macedo e Robba (2002, p. 5), retratam qual espaço urbano foi o precursor das praças citando o *ágora* na Grécia. Este apresentava um espaço aberto, frequentemente delimitado por um mercado, no qual se realizava a democracia direta com discussões e debates entre os cidadãos.

De acordo com cada sentido que a palavra praça possa assumir segundo Macedo e Robba (2002, p. 37) estes espaços podem ser classificados como:

- a. Praça Jardim: espaços nos quais a contemplação das espécies vegetais, o contato com a natureza e a circulação são priorizados. Estes podem ser fechados por grades ou cercas, como o passeio público do Rio de Janeiro e de Curitiba, ou ainda podem ser abertos e rodeados de imóveis (comerciais e residenciais). No Brasil, o conceito de praça está, normalmente, associado à ideia de verde e de ajardinamento urbano, por este motivo, os espaços públicos formados a partir do pátio das igrejas e dos mercados públicos é comumente chamado de adros ou largos.
- b. Praça Seca ou praça-monumento: largos históricos ou espaços que suportam intensa circulação de pedestres. Em algumas destas praças inexistem qualquer tipo de árvores ou jardins e nelas o importante é o espaço gerado pela arquitetura e suas relações entre volumes do construído e do vazio que dão ao conjunto à escala humana. Nestes locais destacam-se símbolos arquitetônicos como a Praça de São Marcos em Veneza (Itália), a Praça de São Pedro em Roma (Itália) ressaltando a Basílica, a praça dos três Poderes em Brasília e o Memorial da América Latina em São Paulo que é um centro cultural, político e de lazer,

inaugurado em 18 de março de 1989 na cidade de São Paulo. O conjunto arquitetônico, projetado por Oscar Niemeyer é um monumento à integração cultural, política, econômica e social da América Latina. É uma fundação de direito público estadual com autonomia financeira e administrativa, vinculada à secretaria de Estado da Cultura.

c. Praça Azul: praças na qual a água possui papel de destaque. Alguns belvederes e jardins de várzea possuem esta característica.

d. Praça Amarela: as praias em geral são consideradas praças amarelas.

Podem-se classificar os valores atribuídos às praças em três categorias: valores ambientais, valores funcionais e valores estéticos/simbólicos (MACEDO; ROBBA, 2002, p. 38).

Os Valores Ambientais trata o espaço livre ocupado pelas praças para melhorar a ventilação e aeração urbana; melhorar a insolação de áreas mais adensadas; dessa forma as árvores promovem o sombreamento das ruas e seus canteiros não irradiam tanto calor como o asfalto ou piso de concreto, amenizando a sensação térmica; a cobertura vegetal permite a melhoria na drenagem das águas pluviais e a proteção do solo contra a erosão (MACEDO; ROBBA, 2002, p. 38).

Os Valores Funcionais dizem respeito às opções de lazer urbano. Estas áreas servem como ponto de encontro, local aberto para apreciação da paisagem, utilização como coretos para apresentações culturais, fontes que jorram água, bancos para descanso, quiosques com vendas de lanches, barras de ginástica, pistas de caminhada e ciclovias, parquinhos para crianças, entre outros (MACEDO; ROBBA, 2002, p. 38).

Os Valores Estéticos e Simbólicos representam a função das praças enquanto objetos referenciais e cênicos da paisagem urbana, além de exercerem importante papel na identidade de um município, bairro ou rua. Geralmente relacionado à carga histórico-cultural, as praças são vistas e atuam como espaço de diálogo, local acolhedor para o passeio e lazer de toda sociedade. Do ponto de vista estético, as praças contribuem através das qualidades plásticas – cor, forma, textura – de cada uma das partes visíveis que as integram (MACEDO; ROBBA, 2002, p. 38).

Font (2003, p. 5) retrata o espaço praça, *“espaço para reunião, construído para e pela sociedade, cheias de significados, marcos centrais da constituição de trajetos, ponto de chegada e partida, concentração e dispersão de pedestres, apresentando uma dimensão representativa tanto cultural como histórica para a sociedade, abrigando tanto o comércio formal como o informal, as feiras populares, coloniais, de artesanato, entre outras”*.

Dizeró (2006, p. 8), acrescenta ainda que praça é um espaço cheio de simbolismo levando ao imaginário e o real, marco arquitetônico e local de modificações históricas e sócio-culturais, sendo de grande importância sua existência para a cidade e sua população, constituindo-se como lugar de convívio social. Sun Alex (2008, p. 32) presume “que o convívio social no espaço público está intimamente *relacionado às oportunidades de acesso e uso excluindo mais do que incluindo*”.

As praças restringiam-se ao entorno dos palácios europeus até meados do século XVIII e nem sempre colocados no contexto urbano. Esses espaços livres situados nas cidades junto à aglomerações humanas estavam associados à presença de mercados populares (comércio) ou ao entorno de igrejas e catedrais. O desenho de praça, ou melhor, dizendo a arquitetura de praça, só entrou em cena no século XIX com o projeto do Central Park de Nova Iorque trabalho este de Frederick Law Olmsted (VIERO; BARBOSA FILHO, 2009, p. 12).

Viero e Barbosa Filho (2009, p. 8) falam sobre os benefícios das praças públicas trazidos pela presença da vegetação influenciando positivamente o psicológico da população devido ao contato com a área verde e/ou pelo uso do espaço para o convívio social. Dentre as vantagens proporcionadas pelo uso da vegetação, destacam-se:

- melhoria microclimática – interceptação da radiação solar; efeito sobre a umidade do ar e sobre o ciclo hidrológico das cidades; e diminuição da velocidade dos ventos;
- ação contra a poluição pela retenção de partículas poluidoras;
- contribuição para o conforto lumínico – proporcionam sombra e atuam como barreiras contra o ofuscamento das luzes;
- barreira acústica – quando a vegetação utilizada for densa e também a sensação de bem estar e melhoria na qualidade de vida daqueles que desfrutam do ambiente coberto por espécies vegetais.

## **2.1 Histórico do nome Praça e Memorial Maria Aragão**

Localizada na Avenida Beira-Mar, limitada pelas Ruas da Tapada (Coelho Neto) e da Independência (Barão de Itapary) no Centro de São Luís. O espaço ocupado hoje pela Praça e Memorial Maria Aragão foi formado a partir da influencia da maré e do córrego permanente, atualmente está restrito apenas a fonte do Ribeirão. O espaço permaneceu alagadiço mesmo depois da construção da murada de contenção, feita como extensão da Avenida Beira-Mar (INSTITUTO MARIA ARAGÃO, 2005, p. 9).

O local era usado como pátio de manobra da antiga estrada de ferro São Luís/Teresina (Figura 1) que ficou ocioso após a desativação do ramal ferroviário, sendo utilizado esporadicamente para instalação de circos e parques de diversões. Somente em 1991 é que área ganhou a atual configuração (CORREA, 2012. p. 1).

**Figura 1.** Pátio de manobra de trens da Estação da REFESA – Hoje Praça e Memorial Maria Aragão.



**Fonte:** [www.google.com.br](http://www.google.com.br)

Mesmo antes da atual conformação da praça o local já era utilizado, para reuniões e manifestações do partido comunista do qual possuiu como integrante **Maria José Camargo Aragão**, que foi médica e professora. O nome da Praça e Memorial foi oficializado em sua homenagem. Porém antes da oficialização do nome já era conhecido como Praça Maria Aragão. Como médica Maria José Camargo Aragão iniciou sua carreira como pediatra, mas fez carreira como ginecologista. Formou-se em medicina pela Universidade do Brasil no Rio de Janeiro. Sua história tem origem na extrema pobreza, mas ela logo parte em busca da superação da fome, do preconceito (por ser negra e mulher no início do século passado), da agressão e da perseguição do sonho de ajudar a humanidade. Dotada de um grande senso de liderança, enfrentou as oligarquias políticas, em pleno regime militar na década de 60, e sofreu as perseguições promovidas pela ditadura (INSTITUTO MARIA ARAGÃO, 2005, p. 9).

Através da medicina, Maria Aragão entrega-se às causas sociais, lutando por uma sociedade justa e igualitária. Foi uma eterna defensora das bandeiras libertárias continua a ser referência para a luta popular do Maranhão. Maria Aragão fez história como líder do Partido

Comunista do Brasil no estado do Maranhão, mesmo partido defendido por Oscar Niemeyer motivo pelo qual também foi uma honra idealizar o projeto do memorial. A médica foi também diretora do jornal Tribuna do Povo e lutou contra a ditadura militar, onde por cinco vezes foi presa, conta-se que antes mesmo na ordem de prisão chegar ao seu conhecimento, Maria Aragão já se apresentava de forma espontânea à delegacia de polícia mais próxima (INSTITUTO MARIA ARAGÃO, 2005, p. 10).

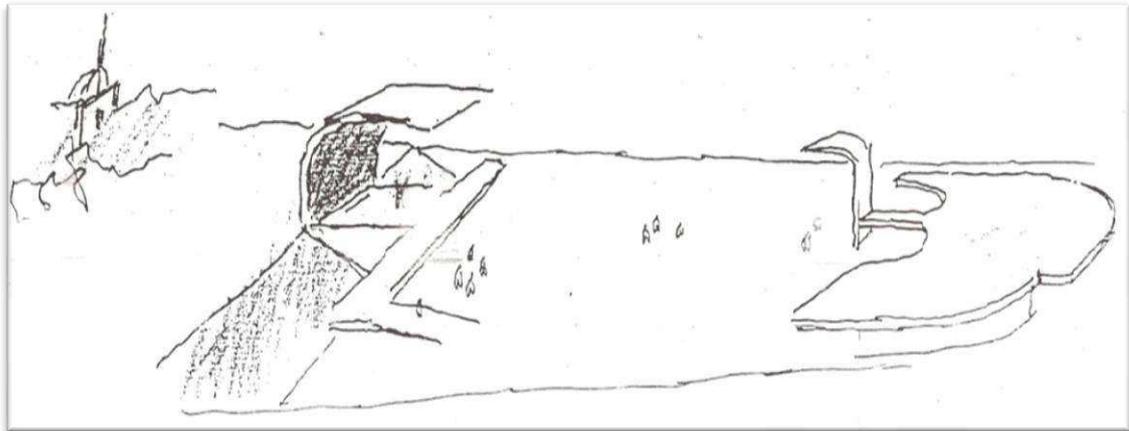
Maria José Camargo Aragão faleceu em São Luís, aos 81 anos de idade, em 23 de julho de 1991, milhares de pessoas participaram do velório e do enterro, durante o percurso entre a Assembleia Legislativa – onde o corpo foi velado – e o Cemitério do Gavião, artistas maranhenses cantaram as músicas que marcaram a sua trajetória (INSTITUTO MARIA ARAGÃO, 2005, p. 10).

Com o objetivo de manter vivo o ideal de luta contra a injustiça e a desigualdade social, um grupo de amigos de Maria Aragão resolveu criar o Instituto Maria Aragão. Criado oficialmente em 09 de fevereiro de 2001, visando desenvolver atividades e apoiar ações em defesa dos direitos humanos, além de organizar acervos de dados relacionados à história e à memória das lutas sociais e políticas no Maranhão. O Instituto também esteve à frente e acompanhou a idealização do projeto da Praça e Memorial Maria Aragão (INSTITUTO MARIA ARAGÃO, 2005, p. 11).

## **2.2 O projeto da Praça e Memorial Maria Aragão**

O projeto para construção da Praça e Memorial Maria Aragão surgiu de uma proposta feita na Câmara de Deputados em 11 de setembro de 1997, pelo então deputado Haroldo Saboia, sendo também endossada com entusiasmo pelo então prefeito Jackson Lago que, juntamente com o deputado Neiva Moreira, fizeram parte da comissão que foi ao Rio de Janeiro apresentá-lo ao Oscar Niemeyer que não só acatou a ideia, como desenhou quase que imediatamente a planta do memorial (Figura 2), o que para a cidade de São Luís se constituía em uma dupla homenagem: ter uma obra dedicada a Maria Aragão, e, ao mesmo tempo, ser ela projetada por um dos maiores arquitetos do mundo (INSTITUTO MARIA ARAGÃO, 2005, p. 5).

**Figura 2.** Desenho inicial da Praça Maria Aragão, feito por Oscar Niemeyer.



**FONTE:** [www.google.com.br](http://www.google.com.br)

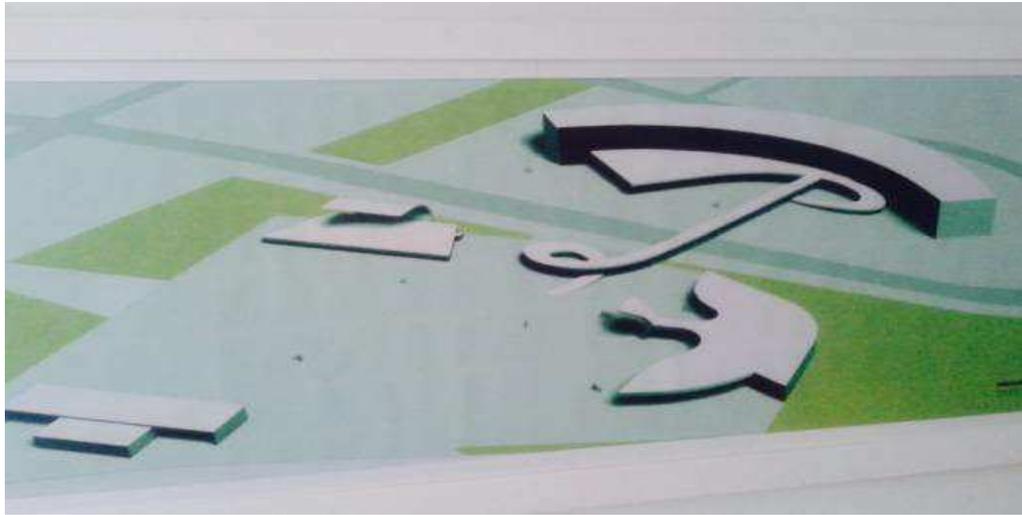
O projeto encontrou na Prefeitura de São Luís a via para a sua realização, iniciada pelo Prefeito da época em 1991, entretanto a obra foi embargada em novembro de 2001 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Em 2002 após ajuste do projeto e mudança de localização da concha acústica a obra foi retomada pela Prefeitura de São Luís, tendo sido inaugurada no dia 25 de junho de 2004, com participação de centenas de pessoas e uma variada programação cultural, incluído shows musicais, corais e dança de rua (INSTITUTO MARIA ARAGÃO, 2005, p. 2).

O projeto de Oscar Niemeyer não foi totalmente concluído, pois não foi construído o Museu de Arte Moderna em virtude das dificuldades financeiras enfrentadas pela prefeitura. Dessa forma a obra não foi entregue por completo pelo então prefeito de São Luís em 1991. Poderia ter sido concluída posteriormente, mas não foi levada em frente por falta de vontade política dos sucessivos governos (MARTINS, 2013, p. 26).

Segundo um artigo publicado por Joãozinho Ribeiro no jornal pequeno em dezembro de 2010, o espaço do velho barracão da extinta Rede Ferroviária Federal, seria transformado em um Museu de Arte Contemporânea para São Luís. A proposta se associava a uma série de outras iniciativas de ampliação e restauração de espaços culturais, visando à realização do Ano da França no Brasil, que aconteceria em 2009 (MARTINS, 2013, p. 27).

De acordo com Ribeiro (2010), “a expectativa gerada a respeito do projeto do museu era para além de um mero marco arquitetônico, um centro de produção para as atividades artísticas no Estado. De três andares, o projeto contaria com auditório, oficinas e amplos espaços para exibição de obras de arte”. O museu seria interligado com a Praça Maria Aragão através de uma passarela (Figura 3).

**Figura 3.** Projeto da Praça Maria Aragão onde constava o Museu de Arte Moderna.



**FONTE:** [www.google.com.br](http://www.google.com.br)

Hoje a Praça e Memorial Maria Aragão é uma realidade na cidade, “é o maior espaço público aberto de São Luís”, com capacidade para mais de 15.000 pessoas. Tendo em sua estrutura física uma praça, lanchonete, uma grande concha/palco com dois grandes camarins, estrutura de baterias de banheiros e do Memorial propriamente dito, com obelisco, sala da administração, depósito, um auditório, uma sala/museu, com o acervo da homenageada (Figuras 4, 5, 6 e 7) (CORREA, 2012, p. 2) e inclusive atualmente nessa sala encontra-se o busto de Maria Aragão que devido a ação de vândalos foi retirado da área externa onde situa-se o marco inicial da Praça Maria Aragão (Figura 8 e 9).

**Figura 4.** Sala museu com acervo da homenageada Maria Aragão.



**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

**Figura 5.** Sala museu.



**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

**Figura 6.** Auditório do Memorial.



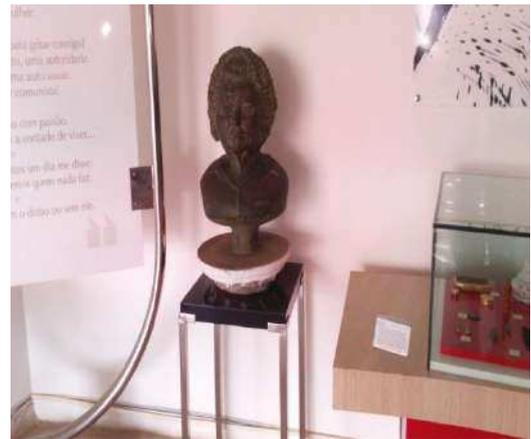
**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

**Figura 7.** Marco inicial da Praça Maria Aragão sem o busto.



**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

**Figura 8.** Busto que encontra-se na sala/ /museu.



**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

O espaço costuma ser palco das principais festas e manifestações populares da cidade (Figura 9). Com uma acústica privilegiada, a praça também é utilizada para apresentações de concertos de música clássica e shows em geral, além de exposições e feiras (CORREA, 2012, p. 2).

**Figura 9.** Praça e Memorial Maria Aragão.



**FONTE:** [www.google.com.br](http://www.google.com.br)

### **3 A AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO (APO)**

A avaliação Pós-ocupação influencia na elaboração de códigos de obra, mudando a forma de olhar e construir ambientes livres de falhas, economicamente viáveis e que tenham uma durabilidade razoável.

A APO conforme Preiser et al. (1998, p. 3), “*é um processo de avaliar ambientes construídos de uma maneira sistemática e rigorosa depois que eles foram construídos e ocupados por algum tempo*”. Essa estratégia apesar de uma simples análise geram propostas que facilitam a sua utilização e diminuem desperdícios de quaisquer natureza, apontando pontos positivos e negativos do ambiente em uso, corrigindo ou até mesmo anulando, a curto, médio e longo prazos, os problemas verificados.

Os espaços construídos influenciam no comportamento humano assim como sofrem alterações através da conduta de quem os utiliza, de modo que o ponto de vista do usuário, sua organização e seu contexto social, político, econômico e cultural, são fundamentais para que a APO flua de forma eficiente e com maior credibilidade, não sendo apenas uma análise de desempenho técnica e profissional.

Ornstein (1992, p. 15-17), propõem a associação dos conceitos interdependentes de desempenho, idade-limite e necessidades dos usuários aos princípios de avaliação que serão melhor definidos abaixo:

- Desempenho: é dado pela análise qualitativa de um ambiente em uso;
- Idade-limite: é o período de tempo durante o qual o ambiente construído atende às necessidades dos usuários;
- Necessidades dos usuários: o objetivo maior da avaliação de desempenho do ambiente construído e dos seus componentes é garantir o atendimento das necessidades dos seus usuários. Os critérios para tal foram definidos pelo Centro da Construção Civil e Técnico Científica- CSTB que determinou em 14 itens os objetivos ou funções a serem cumpridas pelas edificações, entre os quais: estabilidade, segurança contra incêndio, segurança de uso, estanqueidade, conforto higrotérmico, pureza do ar, conforto acústico, conforto visual, conforto tátil, conforto antropodinâmico, higiene, adaptação dos espaços aos usos, durabilidade, economia.

Pressumi-se ainda, que tais itens devem ser considerados dentro das especificidades determinadas pelos contextos sócio-econômico, cultural, tecnológico e das condições físico-climáticas em que se apresenta. Os benefícios das recomendações de uma APO podem ser obtidos em curto, médio e longo prazo, os dois primeiros correspondendo à minimização ou até correção de problemas detectados, submetendo o ambiente a programas de *“manutenção e conscientização dos usuários da necessidade de alterações comportamentais, procurando com isso, a conservação do patrimônio privado ou público”* (ORNSTEIN, 1996, p. 34).

Já em longo prazo, a APO, *“visa utilizar os resultados dos estudos de caso, na realimentação do ciclo do processo de produção e uso de ambientes semelhantes, buscando não só otimizar o desenvolvimento de futuros projetos, mas contribuindo para o aprimoramento de normas técnicas, à luz da NB 9000 e do Código de Defesa do Consumidor (Lei 8078/90)”*.

De acordo com Ornstein (1996, p. 33), a APO é um *“conjunto de multimétodos e técnicas para avaliação do ambiente no decorrer do uso, que considera especialmente as relações biunívocas entre o homem e o ambiente construído”*.

Lawrence e Low, citados por Ornstein (1996, p. 13), esclareceram que o ambiente construído representa *“formas construídas e definidas como tipos de edifícios, criados por*

*seres humanos, para abrigar, definir, proteger atividades (...) incluem (...) espaços fechados ou cobertos, como ruas e praças”.*

Segundo Preiser et al. (1998, p. 15), as APOs podem ser de três tipos: técnica, funcional e comportamental, conforme segue abaixo:

- **Avaliação técnica:** refere-se aos elementos técnicos, nem sempre percebidos em sua importância, definem o ambiente de fundo para as atividades humanas e tratam da saúde, segurança e bem estar dos usuários. *“Os fatores técnicos, comumente avaliados são: paredes externas, tetos, segurança contra incêndio, estrutura, acabamento interno, iluminação, sistemas elétricos, acústica, aquecimento, ventilação e condicionamento do ar”.*
- **Avaliação funcional:** são aqueles fatores que apoiam diretamente as atividades humanas e o desempenho organizacional. São basicamente: grupos de localização (agrupamento ou separação de áreas de acordo com o fluxo de trabalho nas edificações), circulação, fatores humanos (medidas antropométricas e ergonomia são consideradas no desenvolvimento de normas e projetos adequando espaços e equipamentos ao uso humano), armazenamento e flexibilidade e mudanças (nas plantas em função de mudanças de uso e novas filosofias de trabalho).
- **Avaliação comportamental:** é focalizada na resposta do usuário. Enfatiza a relação entre comportamento e meio ambiente, investigando como o bem estar psicológico e fisiológico pode interferir nos ambientes construídos. Requer verificar: o uso do edifício, proximidade e território, privacidade e interação, percepção do meio ambiente, imagem e significado.

Embora existam outros tipos de avaliação, tais como de locação, estéticas e econômicas, os três acima mencionados são os mais importantes e mais utilizados, de acordo com o cruzamento de dados físicos do ambiente com aqueles relativos aos aspectos subjetivos dos usuários fazem com que a APO tenha mais credibilidade (PREISER et al., 1998, p.16).

A APO envolve três níveis de investigação: (1) indicativo, (2) investigativo e (3) diagnóstico segundo Preiser et al. (1998, p.17). No estágio inicial, indicativo, ocorre nas observações (walk-throught) e análises empíricas voluntárias e superficiais do espaço. A parte investigativa da APO se refere à análise técnica do pesquisador, correspondendo a aferições mais aprofundadas e objetivas, com observações mais detalhadas e a elaboração, por exemplo, de mapas comportamentais, entrevistas com usuários e pessoas diretamente ligadas ao ambiente, além da aplicação de questionários visando o registro da situação atual do lugar. Já o diagnóstico técnico do problema (3) se configura como o último estágio da pesquisa,

possibilitando que sejam sugeridas melhorias frente aos problemas detectados, a fim de minimizar possíveis falhas, maximizar o uso e as comodidades e o conforto.

Os métodos e técnicas utilizados em uma APO variam de acordo com os objetivos da pesquisa, sendo os mais comuns: observações, questionários, entrevistas, seminários, jogos, mapas comportamentais, registros fotográficos e em videotape.

O questionário é um “*instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas*” (PREISER et al., 1998, p. 20). Ele pode conter perguntas fechadas – com alternativas à escolha do indivíduo – abertas ou ambas, sendo as primeiras, mais fáceis de serem introduzidas, interpretadas e sistematizadas.

Já o mapa comportamental segundo Sommer e Sommer (1997, p. 15), “*é uma técnica que tem como base a observação, e sua realização visa documentar possíveis associações entre a localização dos usuários e as atividades desenvolvidas por estes*”. Para tanto, são exigidas plantas baixas destacadas da área de aplicação. O mapeamento pode ser de dois tipos: centrado-no-lugar ou centrado-na-pessoa, o primeiro indicando os diferentes usos de um local e o último mostrando os movimentos e atividades durante um período determinado de tempo, essa foi a estratégia que se mostrou eficiente no caso desta pesquisa, contribuindo para a discussão da pós-ocupação da Praça e Memorial Maria Aragão.

Foram analisados alguns aspectos, entre os quais podemos citar: conforto visual, higiene, adaptação dos espaços aos usos, conforto psicológico.

### **3.1 Estudos da Praça e Memorial Maria Aragão conforme prerrogativas da APO**

O conhecimento empírico da Praça e Memorial Maria Aragão, proporcionou uma visão geral dos aspectos morfológicos e tipológicos de algumas praças públicas da cidade, contribuindo para perceber que a população efetivamente não utiliza esses espaços.

É possível afirmar que o maior e menor uso desse tipo de ambiente deve-se a diversas razões envolvendo aspectos relacionados ao conforto ambiental do lugar, entorno, infra-estrutura, arborização, paisagismo, além de questões culturais. Essas razões acabam por se complementarem gerando espaços bem sucedidos ou não.

Dessa forma, quais os motivos que levam a população em geral a utilizar, ou não, efetivamente esse espaço, Praça e Memorial Maria Aragão. Foram analisados os seguintes aspectos: conforto ambiental (condicionado a temperatura, acústicas do ambiente e bem-estar dos frequentadores), arborização e paisagismo, localização, equipamentos e mobiliário

urbano. E todos esses aspectos levando em consideração o ponto de vista cultural, econômico e social do lugar que acabam por influenciar o uso do mesmo, e isto não foi abordado na pesquisa, mas é fato de grande relevância ser comentado.

O conforto ambiental está condicionado à temperatura do ambiente e este pode minimizar a sensação térmica com a presença de arborização, protetores solares e barreiras vegetais, podendo influenciar inclusive se haver a presença ou não de frequentadores (SANTANA, 2003, p. 20).

O desconforto acústico acontece quando a “localização na malha urbana” de áreas de grande movimento de veículos tendem a sofrer mais os efeitos da poluição sonora. E o seu entorno não apenas influencia a intensidade do barulho, mas também no contexto de um espaço público pode determinar o tipo de usuário, a frequência e os horários de maior visitação. O que se observa é que as praças de modo geral recebem um intenso fluxo de pessoas em horário comercial. À noite, entretanto quando o movimento nestes locais é menor, os mesmos recebem os mais “diversificados” visitantes, são prostitutas, desocupados, drogados entre outros, que dificultam ou até mesmo impossibilitam um uso efetivo destes espaços por famílias, adolescentes ou idosos (SANTANA, 2003, p. 20).

O conforto psicológico trata do bem-estar dos frequentadores da praça associado às sensações de segurança, aconchego, privacidade, etc. E esse bem-estar, dentro do ambiente tende a inibir ou favorecer as relações humanas tornando-se respectivamente espaços sócios-fugidios ou sócios-petalados. A falta de segurança nos espaços públicos pode estar associada às características configuracionais e morfológicas como barreiras naturais e arquitetônicas, forma e traçado do lugar influenciando na presença de pessoas, na definição e controle territorial, na acessibilidade, nas possibilidades de refúgios e a aparência dos espaços, na presença ou não de vandalismo, o que contribui para diminuir a utilização dos espaços públicos urbanos (SANTANA, 2003, p. 22).

Por isso a grande importância dos atributos no entorno de uma praça estão relacionados ao bem estar psicológico dos seus usuários, e podem incentivar sensações que favoreçam a utilização e frequência desses lugares. E atrelado à existência de programas de paisagismo e arborização eficientes, que visem o aumento das qualidades estéticas e de conforto do ambiente (SANTANA, 2003, p.23).

Atualmente com novos espaços coletivos e nem sempre públicos, o processo de desvalorização das praças públicas se tornou mais intenso. Como hipermercados, galerias de lojas, shopping centers, clubes, parques de diversão aglomeram uma diversidade de usuários

oferecendo maior conforto térmico (espaços climatizados artificialmente), psicológico (são seguros, tranquilos, acolhedores) e acústico (sem ruídos provenientes do trânsito de veículos) atendendo uma frequência significativa de usuários que atraem outros e enfraquecendo mais ainda o interesse pelos espaços públicos (SANTANA, 2003, p. 22).

Além dos motivos citados acima existem outros que contribuem para a utilização ou não das praças públicas. De acordo com Sennet (1977, p. 9) “esta mudança é visível no modo como os espaços controlados pseudopúblicos dos centros de compras vieram a substituir as ruas e praças tradicionais (...) estes espaços foram denegridos em relação às praças e corredores de shopping, que passaram a cumprir o papel do lugar para as interações sociais”.

Assim diante de todo esse contexto aliados a falta de atrativos e ao pouco ou nenhum conforto dos espaços públicos, as novas tecnologias como TV, internet e jogos eletrônicos afastam mais os possíveis usuários das praças. De fato a necessidade de preservar a individualidade e reforçar a privacidade, faz com que as pessoas tranquem-se em casa, “diminuindo as possibilidades de sociabilidade do cidadão, empobrecendo suas relações como o espaço público” (CARLOS, 1996, p. 87).

Os espaços atualmente que associam a natureza e o homem tem sido valorizados, tidos como benéfico para o bem-estar da sociedade. Cada vez mais lugares que diminuem o estresse causado pelo cotidiano das grandes cidades são solicitados, refletindo na criação de novas tipologias de ambientes públicos, como os *pockets parks* (pequenos espaços verdes e abertos inseridos entre grandes edifícios, situados principalmente em áreas onde há predominância de usos comerciais ou de serviços), em oposição à inserção de poucos e maiores espaços livres de malha urbana (SANTANA, 2003, p. 23).

Esse processo é definido por Gomes (2002, p. 174) como “recuo da cidadania” as mudanças na imagem da cidade geraram um ambiente fragmentado havendo uma multiplicação de espaços que são comuns, mas não são públicos existindo um confinamento dos terrenos de sociabilidade e diversas formas de não usarmos o espaço público com os *shopping centers*, ruas fechadas, paredes “cegas” entre outros.

O que tem ocorrido é uma segmentação sócio-espacial nas grandes metrópoles, criando uma extensa área de espaços seletivamente públicos, mas utilizados pelos cidadãos com poder aquisitivo mais alto, delineando uma sociedade segregada e confinada. O distanciamento e a desvalorização dos espaços livres públicos urbanos também revelam a falta de sintonia entre os usuários e projetistas, no processo de sua criação/intervenção, pois

não sendo capazes de perceber as aspirações dos usuários, estes passando a agir como meros “espectadores” de suas próprias ações (SANTANA, 2003, p. 23).

Outro ponto a ser abordado é a manutenção e conservação dos espaços públicos, praças, que é um fator de suma importância tendendo a diminuir a frequência. Azevedo Junior (2001, p. 15) fala sobre o aumento da mercantilização do tempo livre, submetido à lógica do consumo e à oferta dos mais diversos produtos para preenchê-lo e a homogeneização da vida doméstica tendendo a padronizar os modos de usar esse tempo contribuindo para o agravamento do processo de desvalorização dos espaços livres públicos.

Outro fator de grande relevância para o uso ou não das praças é a sua imagem e/ou imagem do seu entorno como “um conjunto de significados, sistemas de valores e interpretações, os quais dependem de uma série de valores, sejam sociais ou inerentes ao próprio indivíduo” (DEL RIO; OLIVEIRA, 1996, p. 12).

Lynch (1997, 6-8), fala a respeito da importância das imagens aos frequentadores, “imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente. (...) o observador – com grande capacidade de adaptação e à luz de seus próprios adjetivos - seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê”.

Desta forma são importantes estudos que retratam a percepção ambiental partindo da análise destes aspectos para interceder, reparar e evitar possíveis erros advindos da concepção dos espaços públicos. O que seria de grande importância que os planos diretores e outros instrumentos legais de intervenção levem em consideração tais aspectos a fim de contribuir para a qualidade de vida das pessoas.

Esse trabalho retrata a realidade da subutilização da Praça e Memorial Maria Aragão que não é um problema local, uma vez que ocorre em muitas cidades brasileiras como consequência da implementação de espaços mal trabalhados. Nesse sentido, trabalhos sobre a percepção e a imagem da cidade, têm auxiliado a lidar com a subjetividade e a satisfação dos usuários bem com as condutas resultantes, quer de caráter positivo (apego, conservação), quer negativo (vandalismo). De fato, reações ao meio ambiente construído são frutos da percepção, da compreensão, das críticas e perspectivas de cada pessoa, influenciando seu comportamento cotidiano.

Para Del Rio e Oliveira (2000, p. 14), “não se trata apenas de respostas emocionais, puramente psicológicas (...), uma vez que admitimos a existência dessas inter-relações (ambiente-comportamento) compreende-se por que ambientes construídos com pouca qualidade físico-espacial são comumente vandalizados em todas as partes do mundo”.

Quando se trata da percepção e à imagem da cidade, considera-se como atributos do meio ambiente – construído ou natural e estes induzem no processo perceptivo, principalmente o visual possibilitando o reconhecimento de qualidades ambientais e a formação de imagens compartilhadas pela população. Embora a percepção seja subjetiva e individual, existem recorrências comuns, cujo reconhecimento é considerado fundamental para nortear a ação pública. O processo de intervenção pode ocorrer também ao nível das percepções e das expectativas da população, atuando como incentivador e/ou captador de novos investimentos, como ocorre, por exemplo, com a revitalização e/ou a renovação de áreas públicas ou privadas (SANTANA, 2003, p. 26).

Assim, a revalorização de um espaço público urbano, envolve interferências que vão além daquelas denominadas “físicas”, englobando mudanças econômicas, culturais e sociais, de modo a proporcionar suporte para a sua efetiva utilização.

### **3.2 Metodologia**

Os métodos utilizados para alcançar os objetivos foram a realização de questionários (Figura 10), entrevistas e observações, visando à elaboração de mapas comportamentais.

**Figura 10.** Questionário aplicado para entrevistas do trabalho de monografia.

 <b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO</b>		<b>CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS</b> <b>CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO</b>	
Nome: _____	DATA: _____		
Idade: _____	HORARIO _____		
Residente em: _____			
1. Qual o motivo de está na praça ou próximo a ela? 2. Você conhece a História da praça ou porque de seu nome? 3. Você já notou que a praça Marial Aragão é diferenciada das demais praças de São Luis, no que diz respeito a estrutura e utilização. Você tem idéia do porque? 4. Você sabe o que significa Praça Monumento? 5. Você considera a iluminação da praça de boa qualidade?  <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
6. Você considera que o mobiliário urbano existente na praça atende bem aos seus usuários?  <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
7. Você acha que os elementos vegetativos que existem na praça atendem bem seus usuários?  <input type="checkbox"/> pessimo <input type="checkbox"/> regular <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> ótimo <input type="checkbox"/> não existe elementos vegetativos			
8. Você considera a praça um local seguro?  <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
9. Você acha que o ambiente da praça dar suporte de acessibilidade a todas as pessoas?  <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
10. Qual a sua frequência de visitaçao ou utilização da praça Maria Aragão?  <input type="checkbox"/> 1 vez por semana <input type="checkbox"/> 1 vez por mês <input type="checkbox"/> somente quando tem eventos <input type="checkbox"/> não frequento - estou de passagem			
11. Você acha satisfatório a limpeza da praça?  <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
12. Você acredita que os órgãos competentes estão mantendo e conservando de forma adequada a praça?  <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
13. Quais os principais motivos que o (a) levam a visitar a praça Maria Aragão? 14. Na sua opinião quais melhorias devem ser feitas na praça Maria Aragão pra que ela se torne mais atrativa e frequentada?			

**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

### 3.3 Metodologia Aplicada a APO

#### 3.3.1 Pesquisa Bibliográfica

Inicialmente a pesquisa foi feita em sites do Governo do Estado do Maranhão para ter conhecimento da Praça e Memorial Maria Aragão. Em seguida foram feitas pesquisa na

Biblioteca Pública Benedito Leite, FUNC (Fundação Municipal de Cultura), SEMURH (Secretaria Municipal de Urbanismo e Habitação), FUMPH (Fundação Municipal de Patrimônio Histórico) e por fim IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Juntamente com artigos e livros disponíveis acerca de todo o contexto de APO.

### **3.3.2 Pesquisa de Campo**

#### *3.3.2.1 Órgão Documental*

Primeiramente foi feito um levantamento da memória do local e da concepção da Praça e Memorial Maria Aragão, fotos e documentos do período de construção. O conhecimento da memória dos espaços pesquisados é importante, pois favorece maior contextualização da praça em estudo.

#### *3.3.2.2 Pesquisa de Opinião/ Entrevistas*

Para o desenvolvimento deste trabalho foi feito uma análise atual do espaço da Praça e Memorial Maria Aragão através de questionários onde foram analisados os seguintes aspectos: conforto visual, higiene, adaptação dos espaços aos usos e conforto psicológico. Esses itens foram considerados dentro das especificidades determinadas pelos contextos socioeconômico, cultural, tecnológico e das condições físico-climáticas em que se apresenta, pois a praça pública é um espaço presente na cidade, importante no cotidiano das pessoas, presente no contexto da paisagem urbana.

Observaram-se também as estruturas funcionais e físicas, a fim de identificar os diferentes tipos de usuários, as atividades desenvolvidas e os horários mais utilizados por eles enquanto frequentadores.

Nas entrevistas exploratórias foram identificados os anseios, as sugestões, as atividades mais desenvolvidas, os horários e dias mais solicitados, a frequência de visitaçã, as mesmas abrangeram todo o período do dia, manhã, tarde e noite, com o número total de 100 entrevistados com faixa etária entre 16 a 60 anos em todos os dias da semana. Essa faixa etária predominante é pertinente, pois este aspecto é primordial no momento da concepção do projeto, atingindo muitas das decisões projetuais, o que por sua vez se reflete nas principais atividades que são (ou serão) desenvolvidas no lugar. Os entrevistados foram abordados na

Praça e Memorial Maria Aragão e no seu entorno, especificadamente na Praça Gonçalves Dias.

Outra questão abordada é a acessibilidade dos usuários, se é facilitada a todos por pertencer à coletividade em igualdade de direitos da mesma forma que reserva a todos os indivíduos regras de convívio visando à utilização plena e prazerosa dos seus ambientes. E também o mobiliário e equipamentos adequados referentes à qualidade física desses espaços.

### *3.3.2.3 Visita in loco*

As visitas ao local foram realizadas em dias distintos e horários variados, onde foram coletadas informações sobre a Praça e Memorial Maria Aragão no espaço destinado a exposição da homenageada Maria Aragão, onde foram feitas observações do local, das construções existentes, do funcionamento e movimentação que o mesmo possuía, foram tiradas fotos e aplicados questionários.

## **4 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS**

A maioria dos entrevistados desconhece o porquê do nome da praça e nem sabem diferenciá-la das demais existentes na cidade. E os que sabiam sempre associavam essas diferenças por ser uma praça que recebem diferentes eventos em datas específicas indo de acordo com o conceito de praça monumento.

Os frequentadores que estavam na praça ou no seu entorno era para pegar ônibus, jovens jogando bola, ou apenas de passagem tendo como destino um local próximo, ou ainda irem à missa, neste caso, a Igreja Nossa Senhora dos Remédios que fica de frente a Praça Gonçalves Dias e os que estavam na Praça Gonçalves Dias na sua maioria eram jovens skatistas, ou então casais de namorados, ou visitantes de outros municípios (Figura 11).

**Figura 11.** Jovens skatistas. A) Praça Gonçalves Dias e B) Escadaria de acesso a Praça Gonçalves Dias.



**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

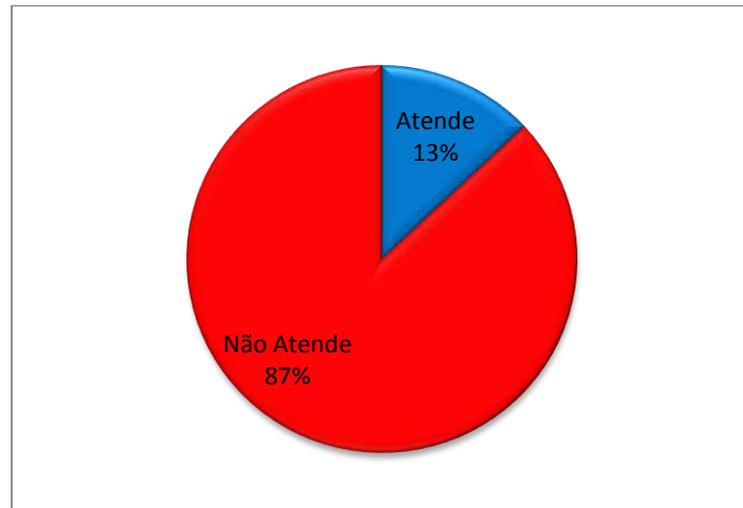
Das entrevistas realizadas a porcentagem de 75% não considera que o espaço da Praça e Memorial Maria Aragão apresente boa iluminação, mas com algumas ressalvas no que diz respeito a constantes perigos de assalto na área visto que a guarda municipal anteriormente fazia policiamento e os que consideram sempre diziam com relação aos eventos que ocorrem nestas datas específicas (Figura 12).

**Figura 12.** Entrevistados que consideram a iluminação de boa qualidade.



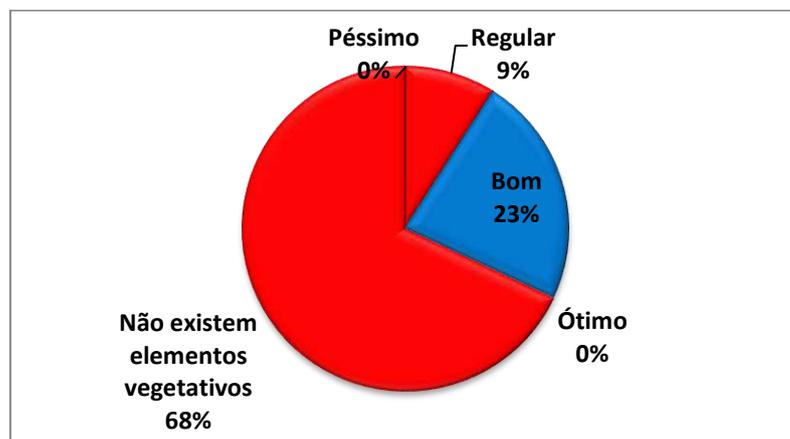
Além disso, somada ao mobiliário urbano que também é importante na utilização dos ambientes da mesma. A Figura 13 mostra que 87% dos entrevistados disseram que o mobiliário urbano não atende as expectativas por não apresentar bancos, assentos, local de descanso.

**Figura 13.** Entrevistados que consideram o mobiliário urbano como satisfatório.



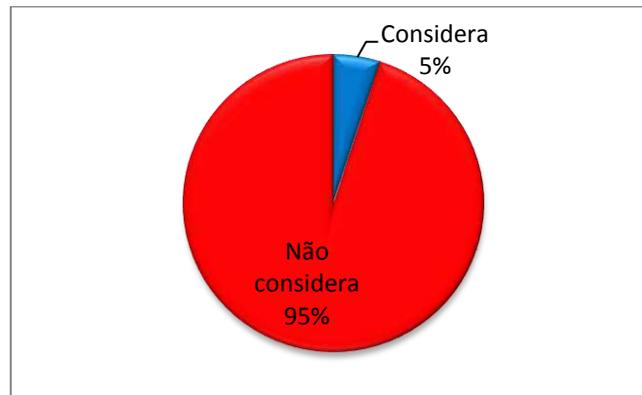
A Figura 14 retrata o nível em porcentagem de satisfação dos usuários com relação aos elementos vegetativos presentes na Praça Maria Aragão. E 67% confirmam que o espaço em questão não apresenta nenhum elemento vegetativo.

**Figura 14.** Porcentagem de entrevistados que consideram se os elementos vegetativos atendem bem aos usuários.



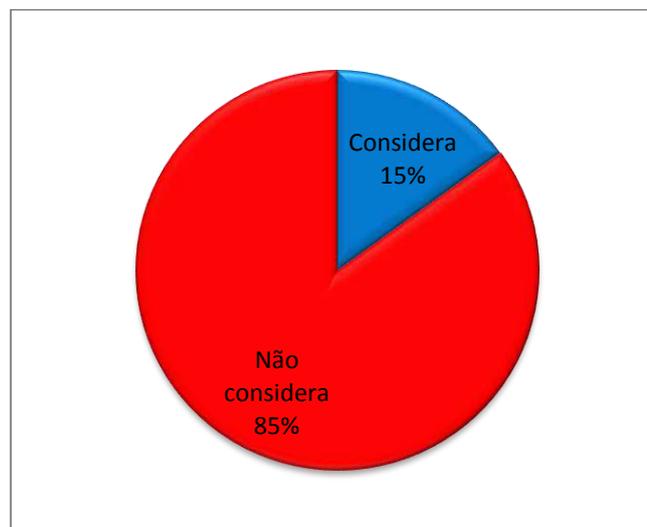
A Figura 15 revela o número de entrevistados que não considera a praça um local seguro com 95%. E justificam por o espaço Praça e Memorial Maria Aragão ser deserto em algumas horas do dia e principalmente à noite por não haver uma boa estrutura de iluminação artificial facilitando a presença de marginais ou ainda sendo ponto de prostituição (Figura 20).

**Figura 15.** Número de entrevistados que considera a praça um local seguro.



Na Figura 16 é retratada a acessibilidade dos frequentadores com alguma limitação, 85% dos entrevistados disseram que não atendem a esses usuários, por necessitar de mais pontos com rampas facilitando a passagem desses possíveis frequentadores.

**Figura 16.** Número de entrevistados que considera a praça um local acessível.



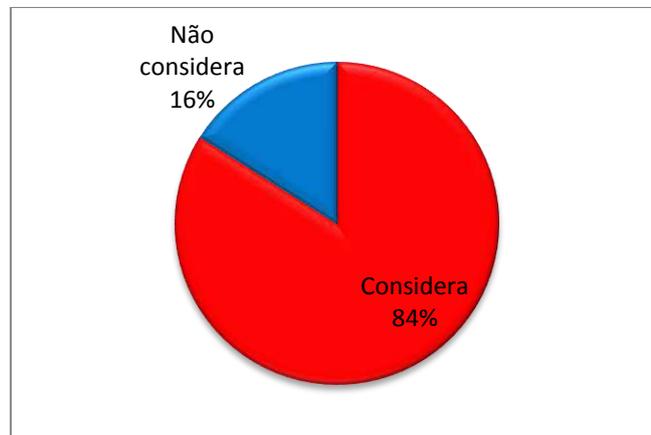
A Figura 17 avalia a porcentagem de visitação dos frequentadores, em que 75% admitem que só frequentam a Praça e Memorial Maria Aragão em dias de eventos e citaram eventos religiosos, musicais, a feira do livro por haver um nível de segurança nesses eventos específicos.

**Figura 17.** Número de entrevistados que frequentam a praça.

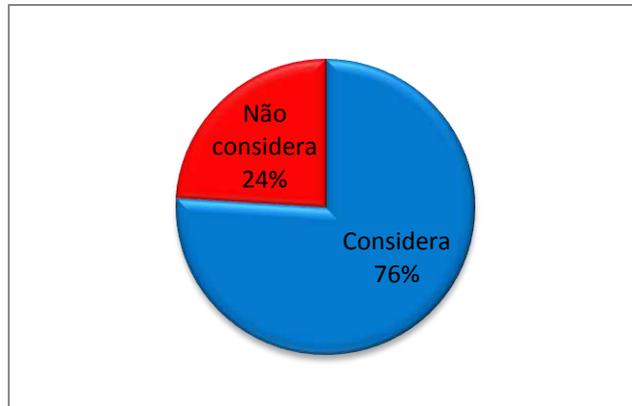


Com relação à limpeza do ambiente da praça, 87% dos entrevistados consideram como adequada (Figura 18). Assim como a conservação por parte de órgãos competentes é considerada satisfatória com 76% (Figura 19).

**Figura 18.** Número de entrevistados que consideram a praça com adequada limpeza.



**Figura 19.** Número de entrevistados que acreditam ser satisfatório os que os órgãos competentes responsáveis pela manutenção e estado de conservação da Praça Maria Aragão fazem.



## 5 O que pode ser melhorado com APO?

De fato o que se observa a noite é um total abandono da Praça e Memorial Maria Aragão por ser um grande espaço livre a iluminação artificial não é eficiente, capaz de suprimir espaços sombreados que tragam sensações de insegurança às pessoas (Figura 20).

**Figura 20.** Praça e Memorial Maria Aragão durante o período noturno.



**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

Assim como não há presença de nenhum mobiliário urbano (Figura 21). E os entrevistados que consideram o mobiliário satisfatório é devido terem conhecimento de praça monumento e desta forma vai estar de acordo com o que existe, visto que é um espaço aberto

para concentração de muitas pessoas. Isso é certificado por uma simples visualização a cerca do ambiente, visto que apenas próximo à escadaria que dá acesso a Praça Gonçalves Dias existe a presença de grama (Figura 22).

**Figura 21.** Mobiliário urbano inexistente na Praça e Memorial Maria Aragão.



**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

**Figura 22.** Elementos vegetativos presentes na Praça e Memorial Maria Aragão.



**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

Quando se trata da acessibilidade, existe a presença de duas rampas de acesso nas laterais da Praça e Memorial Maria Aragão com algumas debilidades no que diz respeito a larguras das mesmas, e condições de conservação (Figura 23).

**Figura 23.** Presença de rampa para facilitar a acessibilidade. A) e B) Lateral direita, C) Lateral esquerda.

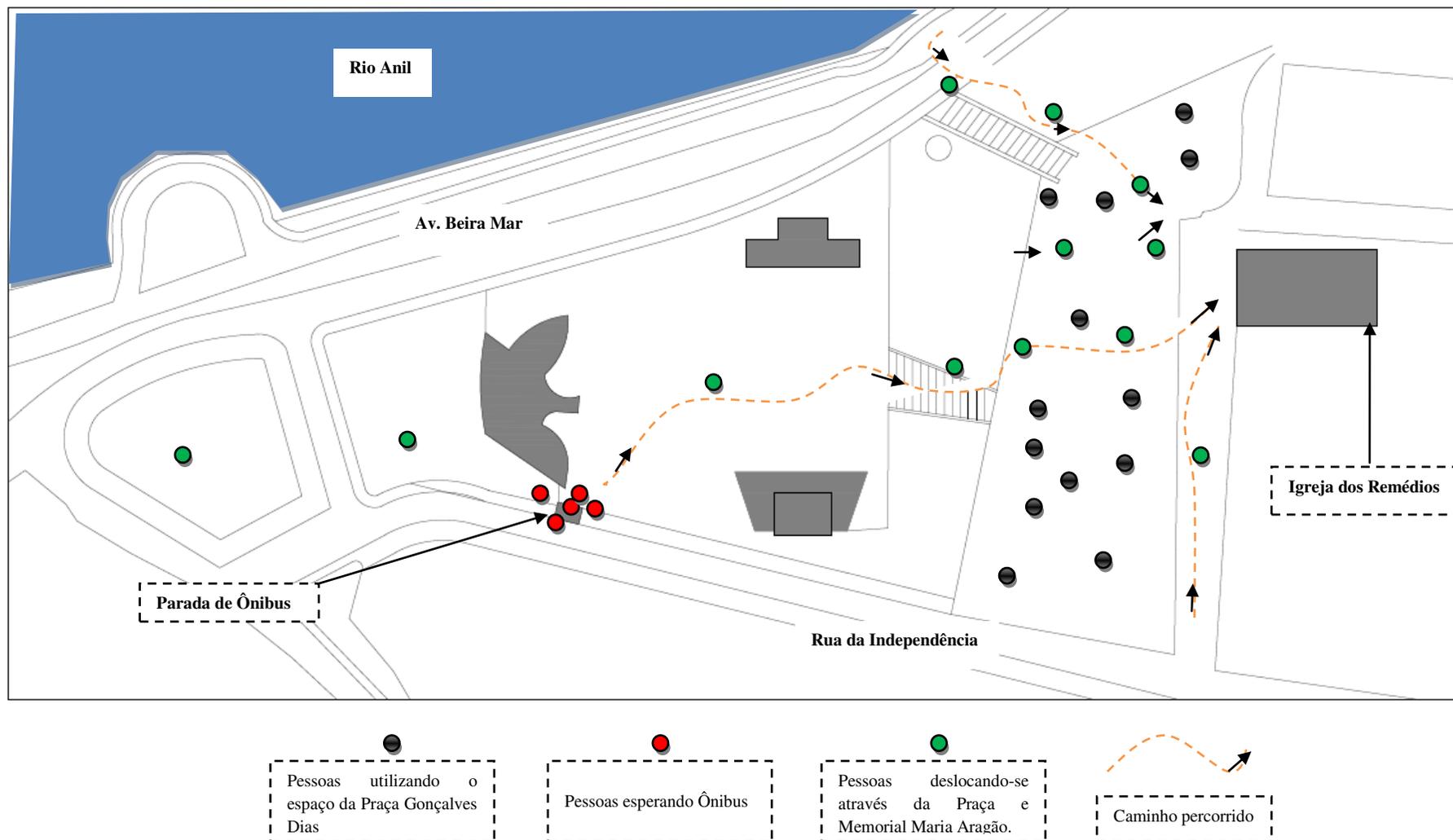


**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

## 6 Mapa Comportamental

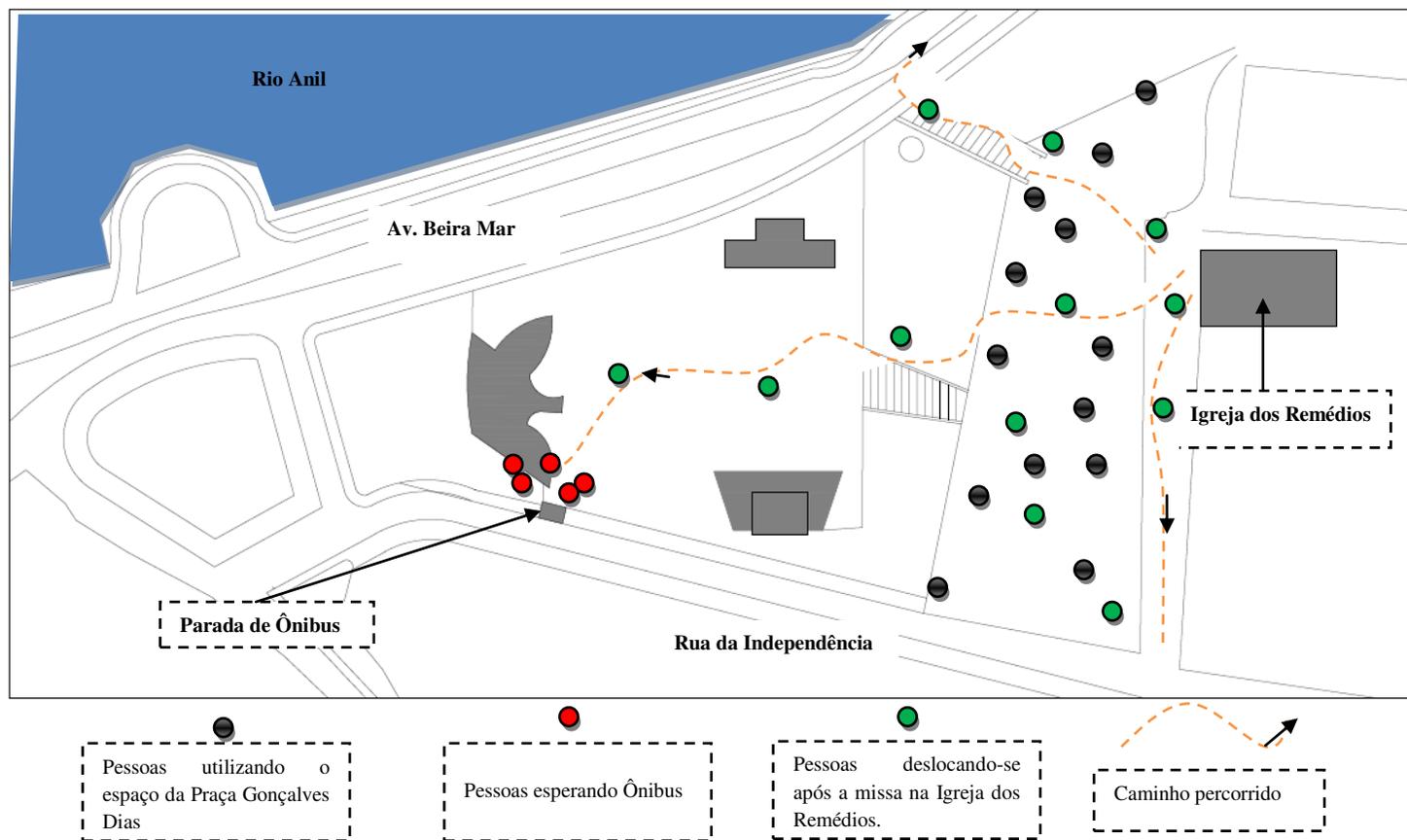
Na Praça e Memorial Maria Aragão as atividades percebidas ocorrem de acordo com as facilidades disponibilizadas, como grande espaço livre na qual jovens skatistas se divertem e também se deslocam para a Praça Gonçalves Dias, idosos usam como passagem para ir a igreja no entorno e também por apresentar uma parada de ônibus considerando dessa forma os entrevistados como transeuntes o que caracteriza o local apenas de passagem. Ao analisar o mapa comportamental abaixo, nos dias de semana das 16:00hrs às 16:30hrs (Figura 24) e 16:30hrs às 18:30 hrs (Figura 25), percebe-se que alguns pontos são praticamente “ignorados” ou “menos valorizados” pelos usuários. Verificou-se uma concentração muito grande de pessoas utilizando o espaço da Praça Gonçalves Dias (skatistas, jovens, casais), uma concentração de pessoas próximo ao Memorial Maria Aragão a espera de ônibus, por haver ali um ponto de ônibus e algumas pessoas se deslocando através da Praça Maria Aragão em direção a praça Gonçalves dias e a Igreja dos Remédios, no geral idosos indo a Missa.

**Figura 24.** Mapa comportamental dos frequentadores da Praça e Memorial Maria Aragão no horário entre 16:00 hrs e 16:30 hrs.



**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

**Figura 25.** Mapa comportamental dos frequentadores da Praça e Memorial Maria Aragão no horário entre 17:30hrs e 18:30 hrs.



**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

## 7 CONCLUSÕES

A análise da Praça e Memorial Maria Aragão nos levou a sua classificação como sendo uma Praça Monumento, que são grandes espaços áridos e secos com uma estrutura onde a relação entre o vazio e construído é visível, seu espaço é inteiramente utilizado quando ocorrem eventos no local, principalmente na época junina, porém conforme fora dito através dos diversos conceitos de praça e principalmente levando em consideração que este espaço está inserido dentro da urbanidade da cidade e os próprios anseios da população conforme as entrevistas realizadas, o espaço da Praça e Memorial Maria Aragão pode ser melhor utilizado e frequentado.

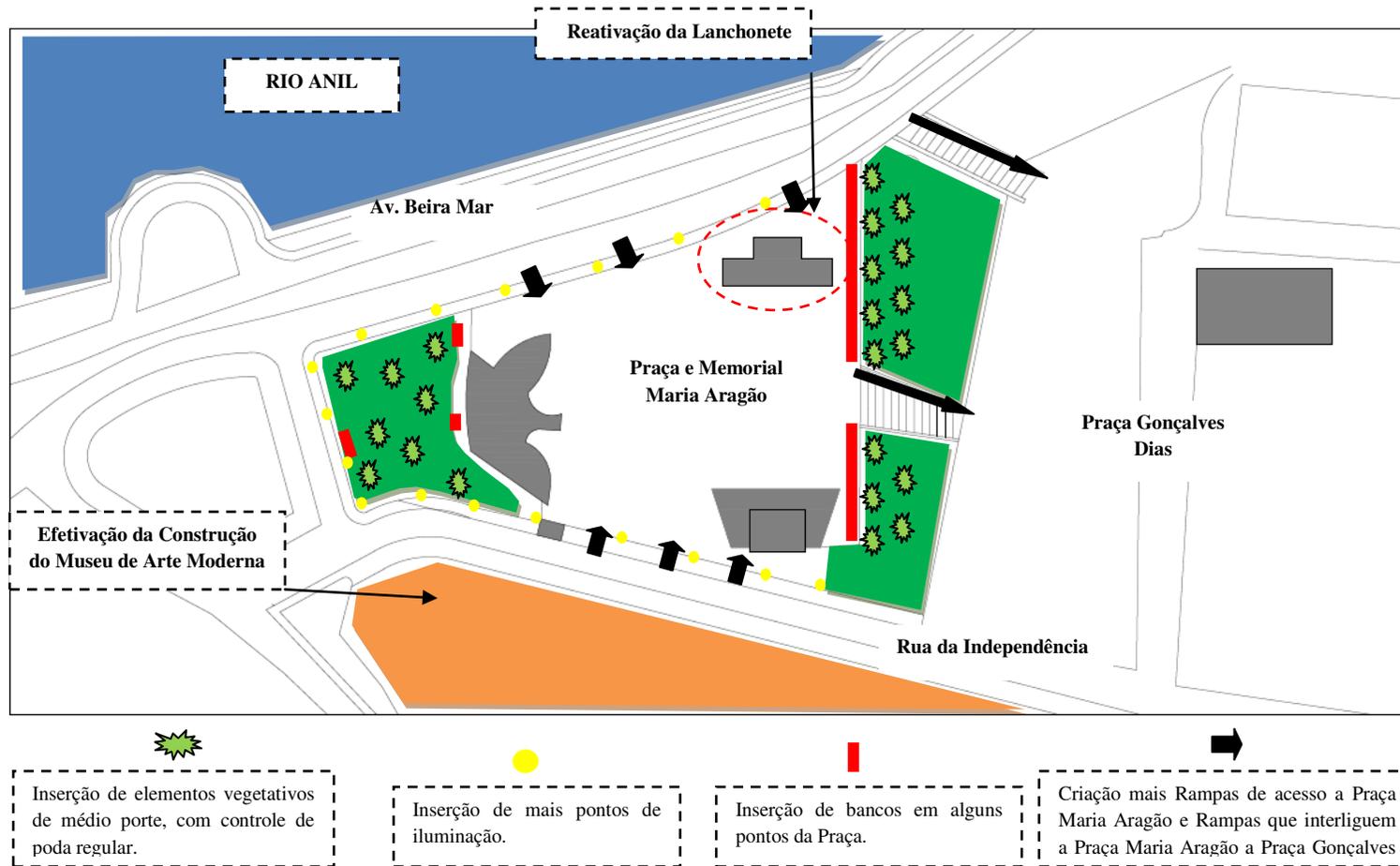
Melhorias na arborização atenuaria o clima do ambiente ficando mais aconchegante em ser visitado a qualquer hora do dia sem que interferisse no tamanho do espaço aberto para receber o público em eventos, essa vegetação poderia ser inserida na parte mais baixa dos taludes que fazem separação entre a Praça Gonçalves Dias e a Praça Maria Aragão como também na área atrás do memorial propriamente dito, além do mobiliário urbano e equipamentos, iluminação noturna de melhor qualidade e estética e reativação da lanchonete podem contribuir para uma maior frequência nesta praça, aumentando o apreço por ela e talvez modificando os hábitos dos frequentadores. Convém salientar que a quantidade e qualidade das rampas são fundamentais para a acessibilidade, sobretudo quando estes são adaptados e direcionados às características dos usuários. O que se observa é a carência dos elementos capazes de oferecer o mínimo de conforto para os idosos, deficientes físicos e visuais o que de sobremaneira contribui para o abandono desses espaços por falta de pavimentação orientada, rampas, sinais sonoros, oferecendo segurança e comodidade para esse público com peculiaridades especiais que estão inseridos também na sociedade, dessa forma a inserção de mais rampas nas laterais da Praça Maria Aragão e nas escadarias de acesso a Praça Gonçalves Dias e inclusive ao palco faria a Praça ser mais acessível (Figura 26).

A volta do posto de policiamento no entorno traria mais segurança juntamente com uma maior divulgação dos eventos, ou ainda eventos culturais locais com maior frequência tornaria a Praça e Memorial Maria Aragão mais atrativa e frequentada.

A frequência de visitação da Praça Maria Aragão também seria intensificada caso a construção do Museu da Arte Moderna fosse efetivada tendo em vista a sua integração com a Praça.



**Figura 26.** Melhorias apontadas pelos usuários para melhorar a frequência da Praça e Memorial Maria Aragão.



**FONTE:** Daniel Lavra Vieira (2015).

## REFERÊNCIAS

ALEX, Sun. **Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Editora SENAC, 2008, 291p.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1996.150p.

CARRAMILO, Clarissa. 2012. **Praça Maria Aragão marca o trabalho de Oscar Niemeyer em São Luís**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/12/praca-maria-aragao-marca-o-trabalho-de-oscar-niemeyer-em-sao-luis.html>>. Acesso em: 23 de março de 2015.

CORRÊA, Anderson. 2012. **Praça e Memorial Maria Aragão**. Disponível em: < <http://passeiourbano.com/2012/12/06/praca-e-memorial-maria-aragao/>>. Acesso em: 24 de março de 2015.

CUNHA, C. A. M. C. da. **Intervenção em monumentos com matérias modernos. Estudo de caso: Kahal Zur Israel**. 2007. 119f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Universidade Católica de Pernambuco. 2007.

DE ANGELIS, B. L. D.; DE ANGELIS NETO, G.; BARROS, G. D. A.; BARROS, R. D. A. **Praças: história, usos e funções**. Maringá: EDUEM, 2005.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (org). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

DIZERÓ, Joselle Davanço. **Praça do interior paulista: estudos de caso nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto/SP**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC, Campinas, 2006.

FONT, Mauro. **A praça em movimento: processos de transformações morfológicas e funcionais no Brasil do século XX**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

GOMES, P. C. C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 304p.

INSTITUTO MARIA ARAGÃO, 2005. **Referência política e esperança histórica**. IMA: São Luís, 38 p., 2005.

LIMA, A. L. P. et al. **Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 2. São Luis: Imprensa EMATER/MA, 1994.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Pontes, 1997.

MACEDO, S. S.; ROBBIA, F. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.

MARTINS, Daniel Paixão. **Armazém de artes e ofícios: proposta de reabilitação para o antigo Armazém/oficina do extinto Complexo Ferroviário de São Luís**. 2013, 79 p. Monografia ( Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Universidade CEUMA. São Luís, 2013.

ORNSTEIN, Sheila. **Avaliação Pós-Ocupação**. 2013. Disponível em: <<http://www.comunitexto.com.br/arquiteta-sheila-ornstein-fala-avaliacao-pos-ocupacao/#.VAYjJlldXmY>>. Acesso em: 02 de setembro de 2014.

ORNSTEIN, Sheila. **Desempenho do ambiente construído, interdisciplinaridade e arquitetura**. São Paulo: USP, 1996.

ORNSTEIN, Sheila. **Avaliação pós-ocupação do ambiente construído**. São Paulo: Nobel, 1992. p. 12-13.

PREISER, W.; RABINOWITZ H. Z; WHITE E. T. **Pos-occupancy evaluation**. New York, 1998.

QUEIROGA, Eugênio F. **A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

RIBEIRO, João. Niemeyer e o Museu de Arte Contemporânea. **Jornal Pequeno**, 2010. Disponível em: <<http://www.jornalpequeno.com.br/2010/12/20/niemeyer-e-o-museu-de-arte-contemporanea-141040.htm>>. Acesso em: 26 de julho de 2015.

SANTANA, Trícia Caroline da Silva. **Percepção dos usuários nos espaços públicos: avaliação pós-ocupação em três praças de Natal-RN**. 2003. 100 f. Dissertação (Mestrado

em Conforto no Ambiente Construído; Forma Urbana e Habitação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço** técnica e tempo razão e emoção. São Paulo: Hucitec 2ª edição, 1997.

SENNET, R. The fall of the Public Man. New York: WW Northon & Company, 1977.

SOMMER, B. B.; SOMMER, R. In: **A practical guide to behavioral research: Tools and Techniques**. Nova York: Oxford, 1997.

VIERO, V. C.; BARBOSA FILHO, L. C. **Praças públicas: origem, conceitos e funções**. Jornada de Pesquisa e Extensão, Ulbra, Santa Maria, 2009.

ZEIN, R. V. **Sobre Intervenções Arquitetônicas em Edifícios e Ambientes Urbanos Modernos: Análise Crítica de Algumas Obras de Paulo Mendes da Rocha**. Disponível em: < [http://www.docomomo.org.br/seminario%203%20pdfs/subtema\\_B1F/Ruth\\_zein.pdf](http://www.docomomo.org.br/seminario%203%20pdfs/subtema_B1F/Ruth_zein.pdf) >. Acesso em: 28 de agosto de 2014.